

VIOLÊNCIA, INDISCIPLINA E USO DE DROGAS NA ESCOLA SÔNIA HENRIQUES BARRETOS

Eronilson Mendes De Sousa (1); Júlio Cesar Meneses (2); Osiane Fernandes Do Vale De Sousa (3) Orientadora: Leila Do Socorro Rodrigues Feio (4).

Instituto De Educação Superior Latino Americano. Email: atendimentoaoaluno@iesla.com.br

RESUMO

O referido estudo tem como objetivo entender e socializar uma compreensão sobre o fenômeno da violência, indisciplina escolar e o uso de drogas entre os alunos. Para tanto, precisa-se compreender que a sociedade brasileira é violenta em consequência da sua estrutura. Para o desenvolvimento do estudo, inicialmente foi feita uma revisão bibliográfica para entender teorias que abordassem sobre a temática em questão. A bibliografia estudada serviu de instrumento para que entendêssemos os motivos que levam aos casos de usos de drogas, de violência e indisciplina na escola. A Metodologia de pesquisa possui uma abordagem qualitativa, de natureza explicativa, com observação no cotidiano escolar, pesquisa documental nos livros de registro da escola, relatórios e entrevista com corpo técnico, direção escolar, professores e alunos. Seguindo a análise dos questionários respondidos pelos docentes, notamos que os mesmos não se sentem preparados para trabalhar com alunos que usam drogas e são violentos, pois precisam de conhecimentos técnicos da Psicologia, e demais conhecimentos para poderem lidar com essas situações e que acham muito difícil lidar com alunos violentos, que não querem estudar e ainda atrapalham os que querem. Todos os vinte cinco alunos entrevistados afirmaram que já consumiram algum tipo de drogas, dentre elas as mais citadas foram: bebidas que contém álcool etílico, cervejas, energéticos, *vodka*, *ice*, duelo, vinho, cachaça tipo 51, *skin*, e outras. Que consomem tais bebidas nas festas, baladas (Boate Look, Boate Bela Vista, Akinus Bar), carnavais, na casa de amigos e até mesmo na própria Escola. Sendo que a maioria deles teve o primeiro contato por volta dos 12 anos de idade por influência de amigos e que aí gostaram, que é normal todo “mundo” faz”. Acreditamos que as escolas, através do investimento de estratégias de ensino que valorizem o diálogo, o respeito, a solidariedade, e a corresponder habilidades de todos os envolvidos no cotidiano escolar, podem proporcionar mudanças de comportamentos, de valor e tornar o ambiente escolar mais harmônico e proporcionar a socialização e construção de saber. Assim como auxiliar, formar sujeitos autônomos e capazes de defrontar-se com a violência e a indisciplina presentes na escola, e buscar formas mais justas e aceitáveis de convivência com os outros.

Palavras-Chave: Violência, Indisciplina, Drogas, Escola, Transformação.

INTRODUÇÃO

A situação do Município de Laranjal do Jarí na área da educação é catastrófica: as escolas municipais vivem um desmonte Social e um descaso total por parte do poder público; falta investimento na formação continuada dos professores; faltam funcionários suficientes para suprir a demanda das escolas, falta material didático, salas adequadas, merenda escolar, cadeiras, etc.

E como se não bastasse, soma-se a essa situação a desmotivação dos funcionários e alunos em fazer da educação um instrumento de transformação

social, bem como o grande índice de indisciplina e violência que se desdobra em várias formas no ambiente escolar. Assim como o Município serve como rota de tráfico de drogas por fazer divisa com o Estado do Pará.

Neste contexto, faltam no Município políticas públicas na geração de emprego para os jovens. Pois ainda se vivencia muitas práticas de política partidária do período coronelista. Prática do nepotismo, currais eleitorais, corrupção, etc. Assim, os jovens Laranjalenses ficam a mercê do uso de drogas e de levarem a vida aleatoriamente, tornando-se “presas” fáceis para o mundo das drogas.

Nesta perspectiva, desenvolvemos o referente estudo para entender e socializar uma compreensão sobre o fenômeno da violência e indisciplina escolar e o uso de drogas entre nossos alunos. Para tanto, precisamos compreender que a sociedade brasileira é violenta em consequência da sua estrutura.

Uma das causas fundamentais da violência é sua banalização nos meios de comunicação em massa e no cotidiano escolar. Tal banalização é propícia ao sistema capitalista e gera alienação, comodismo, irresponsabilidade, insensibilidade, nenhuma solidariedade com o próximo, o que acaba por levar as pessoas a ignorar que tais problemas existem ou a fingir que nada têm a ver com eles.

Portanto, consideramos que as escolas têm um papel importante na prevenção e contenção dessa problemática. Para isso é necessário que professores e diretores adotem novas atitudes. É preciso compreender a intenção dos alunos ao praticarem esses atos. É necessário buscar estratégias para minimizar a violência, a indisciplina e o uso de drogas nas escolas e melhorar a aprendizagem desses alunos.

METODOLOGIA

A partir da situação problema: Dificuldade de ensino e aprendizagem, convivência e socialização num ambiente escolar onde o uso de drogas, a agressividade, a violência e a indisciplina se fazem presentes permanentemente e já se tornaram banais e aceitáveis. Qual a influência desses fenômenos no processo de Ensino e aprendizagem e como mudar essa realidade?

Levantamos as seguintes hipóteses: Falta de afetividade, Instabilidade familiar, negligência familiar e escolar, falta de valores éticos, morais e humanos, desemprego, baixa renda, ausência de projetos sociais, inexistência de projetos na escola voltados para a análise, compreensão e combate ao uso de drogas, da prática da violência e da indisciplina.

Partindo destes princípios realizou-se uma revisão de literatura sobre a temática com os autores: Abramovay (2003), Debarbieux (2006), Castel (1997), Martins (2008), Bortoni-Ricardo (2008), Minayo (1994), Bardin (2016) e Triviños (2012). Esses autores proporcionaram a construção de um arcabouço de entendimentos e ideias acerca da temática da violência escolar.

Para tanto a pesquisa é classificada como explicativa, conforme nos mostra Gil (2010), as pesquisas explicativas têm como propósito identificar fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência de fenômenos. São as pesquisas que mais aprofundam o conhecimento da realidade, pois tem como finalidade explicar a razão, o porquê das coisas.

Assim, adotamos a abordagem da pesquisa qualitativa, que provém da tradição epistemológica conhecida como interpretativismo, onde encontramos um conjunto de métodos como: pesquisa etnográfica, observação participante, pesquisa fenomenológica, pesquisa construtivista, etc., capazes de nos fornecer elementos que servirão de base para fazermos nossas interpretações da violência praticada pelos alunos na escola em estudo. Conforme afirma Bortoni- Ricardo (2008, p.34), “A pesquisa qualitativa procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto”.

Conforme Minayo (1994), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Preocupa-se, nas Ciências Sociais, com um nível de racionalidade que não pode ser quantificado. Em outras palavras, a pesquisa qualitativa, trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, no espaço profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Nosso enfoque será a dialética (materialismo histórico dialético), dialogando com Minayo (1994) e entendendo que essa abordagem propõe abarcar o sistema de relações que constrói o modo de conhecimento exterior ao sujeito, as representações sociais que traduzem o mundo dos significados. Neste sentido, busca a compreensão e a relação das partes com o todo, da interioridade com a exterioridade como constitutivos dos fenômenos sociais.

Assim, conforme Minayo (1994), a dialética considera a compreensão entre as relações intrínsecas de oposição e complementaridade entre o mundo natural e social, entre pensamento e o material. Logo, deve-se trabalhar com a complexidade, com a especificidade e com as diferenciações que os problemas ou os objetivos de pesquisa apresentam.

Nossos procedimentos de coleta de dados são a pesquisa bibliográfica para a revisão sistemática de literatura e para a pesquisa de campo serão usadas a

observação simples e entrevistas individuais semiestruturadas e questionário.

A entrevista será empregada por ser uma técnica apropriada para nosso estudo, posto que é o procedimento mais usual no trabalho de campo, conforme nos aponta Minayo (1994). Pois é através dela que o pesquisador busca obter as informações contidas na fala dos atores sociais, enquanto sujeitos objetos da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo pesquisada, onde podemos obter dados objetivos e subjetivos.

Neste sentido, usaremos a entrevista semiestruturada, porque conforme Triviños (2012), este instrumento é um dos principais meios de coleta de dados na pesquisa qualitativa. Porque esta ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação.

Neste sentido, faremos algumas das entrevistas de cada grupo, gravadas, porque conforme nos aponta Triviños (2012), a gravação permite contar com todo material fornecido pelo informante, a qual será acompanhada por anotações gerais sobre atitudes ou comportamentos dos entrevistados para que tenhamos mais possibilidade de obtenção de esclarecimentos sobre o fenômeno estudado.

Utilizaremos também a observação como técnica de coleta de dados, para complementar às entrevistas, pois segundo Minayo (1994), é através da observação que podemos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas. Informações estas que só podem ser captadas na interação social de forma espontânea.

Conforme nos aponta Triviños (2012), faremos a observação livre porque satisfaz as necessidades principais da pesquisa qualitativa. Para esclarecer tal fato, Triviños (2012), nos dá o exemplo da relevância do sujeito nesse processo de observação livre, onde podemos captar a espontaneidade do observado e compreender as ações que são desenvolvidas no processo de interação social.

Nestes casos, seguindo os conselhos de Triviños (2012), usaremos um diário de campo para anotarmos as situações observadas, as explicações levantadas sobre as mesmas e a compreensão da totalidade da situação em estudo. Logo, com todas as observações e reflexões que realizamos sobre as expressões verbais e ações dos sujeitos, faremos descrições e comentários críticos em seguida sobre as mesmas.

Pois, Triviños (2012), nos reporta para a importância das reflexões, sobre o desenvolvimento da observação. Haja vista que cada fato, cada

comportamento, cada atitude, cada diálogo que se observa pode sugerir uma ideia, uma hipótese, a perspectiva de buscas diferentes, a necessidade de reformular futuras indagações, de colocar em relevo outras, de insistir em algumas peculiaridades, etc.

Outro importante uso do diário de campo, nos orientando em Minayo (1994), é o de instrumento de anotação das observações feitas no cotidiano do ambiente escolar pesquisado, onde colocaremos nossas percepções, angústias, dúvidas, questionamentos e informações que não são obtidas através de outras técnicas.

Para analisar os dados, utilizaremos a técnica de análise de conteúdo, que consiste em um instrumento metodológico por meio do qual se busca entender o sentido de uma comunicação. Para tanto, procuramos identificar os tipos de violências, as ênfases e os padrões presentes nas falas dos entrevistados-observados e depois organizaremos os depoimentos dos entrevistados em categorias (BARDIN, 2016).

Seguiremos as orientações de Triviños (2012), com a técnica de triangulação de dados, que tem por objetivo básico abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco em estudo, partindo de princípios que sustentam que é impossível conceber a existência isolada de um fenômeno social, sem raízes históricas, sem significados sociais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para que pudéssemos fazer um diagnóstico sobre os casos de Violência e Indisciplina registradas na Coordenação Pedagógica fizemos uma consulta no livro ata do ano de 2016 da Escola Sônia Henriques Barretos, com o intuito de fazer uma relação dos casos que ocorreram no ano citado com o ano de 2017.

Desta forma, baseado nos registros documentais da Escola, percebemos que a violência se faz presente dentro do ambiente escolar em suas várias formas e tipos, assim como a presença do uso de drogas e dos alunos drogados. Conforme nos aponta Abramoway (2003), dentre os maiores problemas enfrentados pela Escola Brasileira, se encontra a presença do uso das drogas, os jovens em situação de pobreza e violência, as violências e suas repercussões. Logo:

Um deles é que o risco de consumo de drogas diminui na medida da sua prevenção e que uma das formas mais eficazes de conter o avanço das mesmas é efetuar “esforços amplos, consistentes e permanentes de formação de atitudes e comportamentos seguros entre os adolescentes e jovens”.

[...] Em outras palavras, grande parte da solução para o uso indevido de drogas encontra-se dentro da própria Escola e do alargamento de horizontes da sua atuação.

Soluções educacionais também se encontram na raiz das violências nas escolas, que, conforme os dados têm impacto sobre a sociabilidade, a qualidade do ensino e ao aproveitamento dos alunos. Não se pode reduzir à educação, mas fica fora de dúvida o valor das suas contribuições, inclusive para combater a pobreza, questão de base, intimamente associada à exclusão. (ABRAMOVAY, 2003, p.10).

Desta forma percebemos, que devido à complexidade das relações humanas, não podemos responsabilizar apenas a Escola com o papel de educar ou prevenir o uso de drogas e de atitudes consideradas violentas, porém, sabemos de sua capacidade de viabilizar soluções preventivas para essas problemáticas. Para tanto se desenvolveu este estudo e posteriormente o Projeto, como uma das alternativas paliativas de caminhos para conquista da Cidadania.

Neste sentido entregamos questionários para todos os Professores da Escola (17 do contrato administrativo e 47 efetivos- dados da secretaria Escolar), porém só recebemos 8 questionários respondidos. Deste fato, entendemos a pouca relevância que os docentes dão aos casos de violência e uso de drogas no ambiente escolar, mesmo sendo estes fatos corriqueiros e frequentes.

Pois a violência já se tornou banal e “normal” em nosso meio, e a maioria dos profissionais da educação não debruçam suas mentes para entender este fenômeno tão complexo, como nos mostra Debarbieux (2006, p. 269): “[...] A violência num local de aprendizagem da razão, a escola, é o contra valor tipo para os educadores, ela provoca-os na sua própria função, talvez até mesmo no seu próprio ser”.

Continuando com o pensamento de Éric Debarbieux (2006), a violência é um fenômeno que se encontra situada, atualizada social e historicamente, que se tornou universalizada e banalizada através de uma selvageria crescente e constante. Que é usada pelos meios de comunicação de massa como mecanismos de naturalização e objetivos financeiros por parte das grandes empresas de comunicação e divulgação de ideologias capitalistas.

Seguindo a análise dos questionários respondidos pelos docentes, notamos que os mesmos não se sentem preparados para trabalhar com alunos que usam drogas e são violentos, pois precisam de conhecimentos técnicos da Psicologia, e demais conhecimentos para poderem lidar com essas situações e que acham muito difícil lidar com alunos violentos, que não querem estudar e ainda atrapalham os que querem.

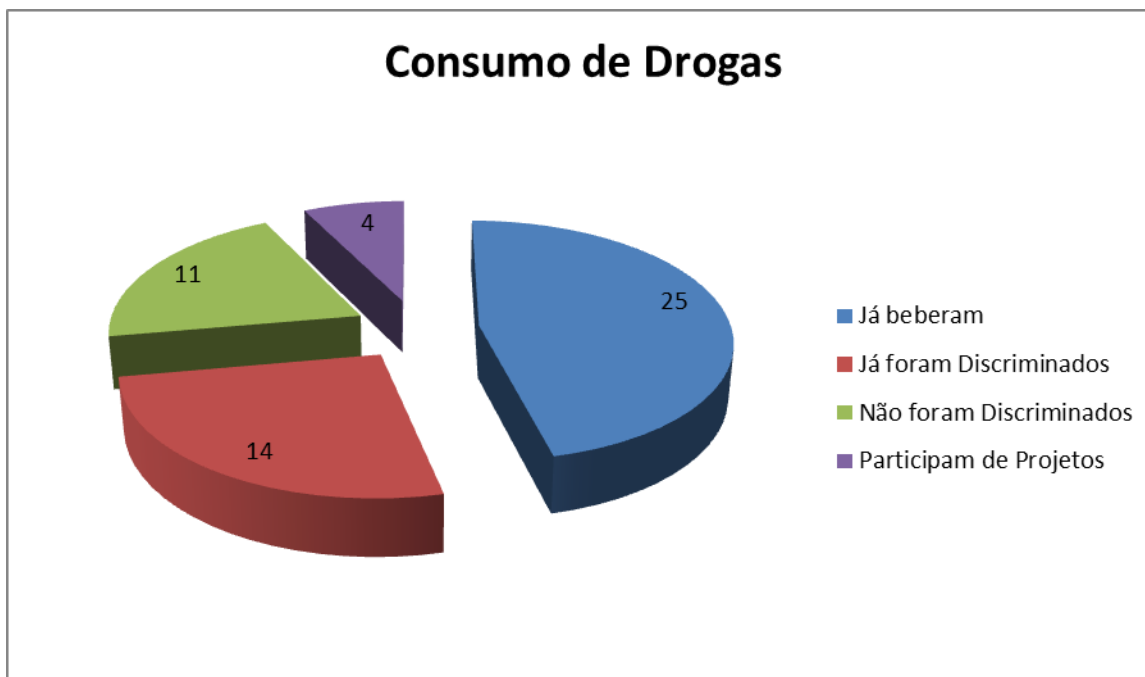
Quando perguntamos para os professores o que entendem por violência, as respostas foram

direcionadas para a compreensão que o tipo de violência mais comum e visível é a física e a verbal, quando os alunos usam palavrões, xingamentos e vão às vias de fato, ou seja, socos e pontapés. Assim, a violência atrapalha o trabalho dos professores, pois muitas vezes eles se sentem coagidos e intimidados com alguns alunos que são violentos e que usam drogas.

Desta forma todos os oito professores apontaram que já vivenciaram ou ouviram de colegas alguma situação que envolva atitudes violentas ou de indisciplina. Aí encaminham para coordenação pedagógica, onde, dependendo do caso, são suspensos ou apenas repreendidos, mas que geralmente voltam para sala de aula e continuam tendo o mesmo comportamento.

Com base nos registros da ata da coordenação escolar, dos alunos que foram envolvidos nos casos de violências, indisciplina, furtos e usos de drogas e também com base nas observações e experiências enquanto docente (Professor coordenador) e discente (alunos pesquisadores), fomos atrás destes alunos e de outros para aplicarmos questionários e fazermos entrevistas dialogadas com eles. Neste sentido entrevistamos 25 alunos. Portanto, a análise que faremos será baseada nas respostas e observações feitas com esse quantitativo de alunos.

Gráfico 1- Relação de quantidade de alunos usuários de drogas e a Discriminação



Fonte: Autor (2016)

Todos os vinte e cinco alunos entrevistados afirmaram que já consumiram algum tipo de drogas, dentre elas as mais citadas foram: bebidas que contém álcool etílico, cervejas, energéticos, *vodka*, *ice*, *duelo*, vinho, cachaça tipo 51, *skin*, e outras. Que consomem tais bebidas nas festas, baladas (Boate Look, Boate Bela Vista, Akinus Bar), carnavais, na casa de amigos e até mesmo na própria Escola. Sendo que a maioria deles teve o primeiro contato por volta dos 12 anos de idade por influência de amigos e que aí gostaram, que é normal todo “mundo’ faz”.

Dos 25 alunos entrevistados, 14 afirmam que já sofreram algum tipo de discriminação, por serem negros e por usarem drogas e 11 afirmam que não sofreram discriminação. Do quantitativo de entrevistados somente 4 alunos participam de algum tipo de projeto social, como capoeira, quadrilha junina e karatê. A compreensão que esses alunos têm da violência é de atos de agressões físicas e desrespeito para com os professores, quando os alunos falam palavrões para os professores e também para seus colegas. E que esses fatos atrapalham os estudos dos que gostam de estudar.

Por questões de ética científica e para preservar os nomes e identidades dos alunos entrevistados usaremos as letras do alfabeto para descrever a quantidade de pessoas e a renda mensal desses alunos. Logo, com as informações colhidas junto aos alunos, percebemos que com exceção dos alunos, Y1, (R\$1890), R (3 salários), o restante dos alunos são de baixa renda, pois sobrevivem de bolsa família ou possuem renda na média de um salário mínimo (R\$ 880,00) e até mesmo sem nenhum tipo de renda fixa. Isso nos faz aferir que se tornam presas fáceis para o tráfico e a revolta com a vida.

Incontestavelmente a miséria econômica está na base econômica na maior parte da situação de grande marginalidade, se não de todas. Todavia, sabe-se, das dificuldades, para não dizer impossibilidade, de definir patamares de pobreza que sirvam como critérios de decisão sobre quem são os que necessitam de apoio. “Contar” os pobres é, sem dúvida, uma operação indispensável, ainda que por razões apenas administrativas. (CASTEL, 1997. p. 20).

Essa abordagem da autora remete à reflexão da realidade precária encontrada nas ruas das grandes e pequenas cidades como Laranjal Do Jari. É necessário avançar muito, norteando essa perspectiva para a contemplação da conquista social para essas pessoas. Pois, segundo o estudo realizado, observou-se que em sua maioria, as famílias dessas crianças e adolescentes do bairro Malvinas têm um número significativo de filhos e uma renda mensal muito baixa para o sustento das necessidades básicas destes.

E por muitas vezes impossibilitados de assumir seus filhos de forma razoável, passam a não atender a certos critérios que possibilitam uma educação adequada, utilizando-se de diversos processos violentos que podem transferir aos filhos e esses por sua vez transferir para a sociedade, também de forma violenta.

As misérias, como o desemprego e o subemprego, os valores e as mentalidades produzidos pelo desenvolvimento dependente são partes integrantes da Modernidade, embora de um ponto de vista teórico e tipológico não façam parte do moderno (MARTINS, 2008, p. 18).

Aqui percebemos que essa “ética” do desenvolvimento moderno faz do sujeito um objeto, o sujeito posto como estranho aos direitos de Cidadania como moradia, educação, saúde, lazer e saúde. Assim, sabemos que o ritmo do desenvolvimento social e econômico é desigual e vitimiza os menos favorecidos e despossuídos de direitos e oportunidades.

(...) A modernidade, porém, não é feita pelo encontro homogeneizante da diversidade do homem, como sugere a concepção

de globalização. É constituída, ainda, pelos ritmos desiguais do desenvolvimento econômico e social, pelo acelerado avanço tecnológico, pela acelerada e desproporcional acumulação de capital, pela imensa e crescente miséria globalizada, dos que têm fome e sede de justiça, de trabalho, de sonho, de alegria. Fome e sede de realização democrática das promessas da modernidade, do que ela é para alguns e, ao mesmo tempo, apenas parece ser para todos. (MARTINS, 2008, p. 18-19)

Por isso expomos nosso olhar e nosso projeto de denúncia e intervenção, para dar nossa contribuição e oferecer subsídios para despertá-lo do poder público no que tange à implementação de Políticas Públicas que venham gerar qualificação de mão de obra e oportunidades de emprego para que os jovens possam ser inseridos no mercado de trabalho.

CONCLUSÕES

Sabemos que a indisciplina e a violência na escola é um reflexo da violência que ocorre na sociedade, que está escancarada nos meios de comunicação e no cotidiano das pessoas de forma banal. Pois a escola não é desconectada da sociedade. As condições políticas e sociais do país, má distribuição de renda, impunidade, corrupção, baixa escolaridade e de renda são exemplos de problemas sociais que refletem na escola.

Nesta perspectiva, ressaltamos que as mudanças sociais contemporâneas ocorridas no modelo de família refletem na formação dos jovens. Pois, atualmente, os pais necessitam trabalhar, as crianças e adolescentes ficam aos cuidados de terceiros, numa fase da vida tão importante para a educação de valores indispensáveis para uma boa convivência em sociedade.

Então, os educadores trabalham em situações extremas de nervosismo, medo e angústia. A maioria dos professores é consciente de suas responsabilidades: transformar vidas, mudar a realidade caótica da educação brasileira, preparar os alunos para serem cidadãos críticos, conscientes, responsáveis e com uma formação moral e ética por uma sociedade melhor. Alias o ambiente e as condições de trabalho não são favoráveis e o maior problema é que os educadores são responsabilizados pelo fracasso e pelo insucesso escolar. Assim, jovens, pais e educadores são vítimas do modelo educacional político social e histórico.

Outrossim, ressalta-se que a escola necessita desenvolver um trabalho integrado e constante com a família, não apenas no momento em que há um problema com o aluno. Por isso, o trabalho de pesquisa realizado servirá como base para o desenvolvimento do projeto de intervenção na realidade da escola. Onde já observamos resultados positivos, como: maior preservação e cuidado com a escola, alunos atuando como líderes de turmas, maior interesse pela vida escolar, menos casos de indisciplina escolar, conselho de classe juntamente com a família, etc.

Acreditamos que as escolas, através do investimento de estratégias de ensino que valorizem o diálogo, o respeito, a solidariedade, e a corresponder habilidades de todos os envolvidos no cotidiano escolar, podem proporcionar mudanças de comportamentos, de valor e tornar o ambiente escolar mais harmônico e proporcionar a socialização e construção de saber. Assim como auxiliar, formar sujeitos autônomos e capazes de defrontar-se com a violência e a indisciplina presentes na escola, e buscar formas mais justas e aceitáveis de convivência com os outros.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWAY, Miriam. **Escola e Violência**. Brasília: UNESCO, UCB. 2ª Edição. Observatório de violências nas escolas, 2003.

BARDIN, Laurence. **Análise De Conteúdo**. Tradução Luiz Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BORTONI-Ricardo; Stella Maris. **O Professor pesquisador: Uma introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

CASTEL, Robert. **A dinâmica dos processos de marginalização: Da vulnerabilidade a “desfiliação”**. Salvador. Caderno CRH, 1997.

DEBARBIEUX, Éric. **Violência na Escola: um desafio mundial?** Instituto Piaget. Coleção horizontes pedagógicos, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. Ed.- São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, José De Souza. **A Sociabilidade do Homem Simples: Cotidiano e história na Modernidade Anômala**. 2. Ed.. São Paulo: Contexto, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (coord). **Pesquisa social – teoria métodos e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 1 ed.-21.reimpr.- São Paulo: Atlas, 2012.